

## UMA QUESTÃO DE ASPECTO

DINORAH LESSA DE P. SCOTT  
(UNAM-México)

### ABSTRACT

This paper analyses the verbal aspects involved in the use of the following tenses: Simple Past (PPS) and Compound Past (PPC) in Brazilian Portuguese and Simple Past (P) and Present Perfect (AP) in Mexican Spanish.

A detailed linguistic description of the verbal aspects expressed by the use of these tenses in both languages is given, and contrasts are pointed out. This study is meant to analyse the typological distance existing between Brazilian Portuguese and Mexican Spanish as far as two characteristics are concerned: the use of the tenses examined in this paper and the learning of the PPS and PPC by Mexican Spanish speakers.

Na interlíngua (IL) de falantes nativos (Fns) do espanhol que aprendem o português como língua estrangeira (LE) é comum o uso da forma composta do pretérito do indicativo em contextos que requerem o uso da forma simples, gerando assim frases agramaticais como em (1).

(1) Ainda não **tenho terminado** meu trabalho.

Ao analisarmos o que acontece com o uso destas formas a nível dos valores aspectuais atribuídos a cada uma delas — tanto em português como em espanhol — confrontamo-nos com um complexo quadro lingüístico que se delinea como fator importante na produção deste erro.

Não entraremos aqui em questões psicolingüísticas da aquisição destas formas, o que seria objeto e um estudo de outra natureza. O objetivo deste trabalho é simplesmente descrever os valores aspectuais envolvidos no uso das formas do Pretérito Perfeito Simples (PPS) e do Pretérito Perfeito Composto (PPC) em português e as formas do Pretérito (P) e Antepresente (AP) do espanhol.<sup>1</sup> Uma vez feita tal descrição, empreenderemos uma análise contrastiva estabelecendo assim a distância tipológica existente entre os dois idiomas quanto ao uso destes tempos verbais.

---

<sup>1</sup> Pretérito e Antepresente segundo a classificação de Andrés Bello.

Num estilo exploratório para detectar as estratégias utilizadas por Fns espanhol do México — que aprendem português do Brasil — ao produzir frases do tipo (1) deparamo-nos com os seguintes tipos de construções:

- (2) Você já **tem almoçado**?
- (3) Ainda não **tenho lido** nenhum livro de Jorge Amado.
- (4) Não sei como se **tem dado** o sincretismo na tradição afro-brasileira.

Nos dois primeiros casos (2) e (3), a preferência pelo PPS é obrigatória e exclusiva para o falante nativo de português que se expressaria como em (5) e (6).

- (5) Você já **almoçou**?
- (6) Ainda não **li** nenhum livro de Jorge Amado.

No exemplo (4), o falante nativo de português poderia talvez escolher o PPC no caso do presente ampliado, quer dizer, se o sincretismo mencionado ainda estivesse ocorrendo. Como este sincretismo já se deu, e o FN português sabe disso, então usaria unicamente o PPS.

Parece que esta seleção que o falante<sup>2</sup> faz de uma forma verbal ou outra é determinada por fatores que estão relacionados com as diversas noções de tempo que entram na organização de discursos dos falantes de diferentes línguas. John Lyons (1979) observa que cada cultura humana recorta o universo de uma maneira peculiar, sendo que a língua de cada povo expressa este recorte feito por sua cultura. Em vista disso, as línguas naturais faladas pelos diferentes povos do mundo expressam noções diversificadas de tempo e organizam a realidade biopsicossocial de diferentes formas. No entanto, há certos conceitos que são mais generalizados — reconhecidos como universais — e outros mais específicos de cada língua em particular (variação paramétrica nos termos de Chomsky, 1981a). Em relação à expressão do aspecto, como veremos mais adiante, parece que em cada língua os valores temporais e aspectuais expressos pelas diferentes formas verbais baseiam-se exatamente em conceitos relacionados com a maneira como cada cultura organiza o seu universo, determinando assim uma variação paramétrica para a sua realização. Tal fato pode ser constatado ao se descrever os valores aspectuais envolvidos no uso do PPS e PPC no português do Brasil e do P e AP no espanhol do México.

A referência ao tempo, tanto em português como em espanhol, conta com duas categorias lingüísticas para a sua expressão: o tempo e o aspecto. A categoria do aspecto tem sido abordada por lingüistas de diferentes línguas do mundo, sob o ponto de vista semântico, a partir da concepção do chamado **tempo interno** que inclui as noções semânticas de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Tal concepção é basicamente diferente do **tempo externo**, que caracteriza a categoria do tempo, e que inclui as noções semânticas referentes à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação — presente, passado e futuro. O tempo

---

<sup>2</sup> Há uma tendência natural do falante em distribuir e organizar no tempo e no espaço os fatos e os objetos de que fala tomando em conta o local em que ele (o falante) se encontra.

constitui uma categoria que marca na língua a posição que os eventos ocupam no tempo externo, isto é, situa o evento numa “ilha do tempo” valendo-se de lexemas, morfemas flexionais e perífrases. Já o aspecto trata o evento de acordo com as etapas do tempo transcorrido durante sua realização.

Bernard Comrie (1976:3), baseado em Holt (1943, apud Comrie, 1976), define o aspecto como sendo “os diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação”.

Ataliba Castilho (1968:14) diz: “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo.”

Luiz Carlos Travaglia (1985) comenta que as definições de aspecto, dadas pelos diversos lingüistas nas diferentes línguas do mundo, têm sido variadas e que nenhuma delas inclui todas as noções consideradas aspectuais. No entanto, Travaglia reconhece nestas definições alguns pontos em comum que devem ser considerados para se chegar a um conceito mais completo desta categoria. Estes pontos são: a) o aspecto é a indicação da duração do processo; b) o aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento do processo em si; c) o aspecto envolve o tempo físico; d) o aspecto seria o **modo de ação**; e) o aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções (término/não término, início, término, resultado, etc.). Ademais, Travaglia (op. cit.) chama a atenção para o fato de que o aspecto, apesar de ser uma categoria que recai sobre o verbo, sofre influência dos demais elementos presentes no enunciado e que é impossível estudá-lo sem tratar a relação com estes elementos.

Travaglia (op.cit) refere-se ainda à perspectiva do falante como fator determinante do aspecto expresso em um dado enunciado.

Carlota Smith (1991), ao estudar o aspecto verbal no inglês, define o aspecto como uma propriedade semântica do enunciado que apresenta uma situação (evento, estado, etc.) sob um ponto de vista particular que representa a **perspectiva do falante** nesta situação. Smith (op. cit.) menciona nesta definição outro elemento importante que determina o aspecto — a perspectiva do falante.

Sônia Costa (1990:13) assinala a necessidade de situar os diferentes sistemas verbais de tempo e aspecto dentro da perspectiva da organização do discurso. Costa retoma a classificação das entidades do discurso em linhas de organização de 1ª, 2ª e 3ª ordem (Lyons, 1979). Estas entidades, que as diferentes línguas do mundo representam no seu nível semântico, são utilizadas para explicar que os discursos são construídos sobre linhas organizativas que podem ser espaciais (de 1ª ordem), temporais (de 2ª ordem), ou argumentativas (de 3ª ordem).<sup>3</sup> Segundo Lyons (op. cit.), ao construir seu discurso, o falante escolhe uma linha organizativa que se baseia no espaço, no tempo ou em proposições abstratas. Em se tratando das categorias de tempo e aspecto, obviamente a linha organizativa escolhida pelo falante inclui as entidades de 2ª ordem relacionadas com o tempo. Os acontecimentos, os processos, os estados, etc. diferem entre si pela maneira como cada um deles combina certas características semânticas, certos traços como: ± durativo, ± dinâmico, ± permanente, ± agente.

---

<sup>3</sup> Estas linhas argumentativas se referem às linhas de ordenação das proposições no discurso.

A idéia de duração e de desenvolvimento do tempo físico a que fazem referência os diferentes autores aqui mencionados tem sido tradicionalmente representada pela oposição aspectual **perfectivo-imperfectivo**. Quando um evento é tratado como um todo, como um ponto fechado que ocupa uma posição específica na linha do tempo, o aspecto expresso é **perfectivo**. O aspecto é **imperfectivo** quando apresenta uma perspectiva interior ao evento, tomando em consideração a estrutura interna do tempo decorrido entre o ponto inicial e final deste evento. Este tempo decorrido, por sua vez, se realiza de diferentes maneiras, que correspondem aos chamados **valores aspectuais** (iterativo, durativo, contínuo, pontual, etc.).

## O QUE OCORRE NO PORTUGUÊS?

A oposição aspectual básica nas formas verbais do português em geral, e em especial nas formas do PPS e PPC, caracteriza-se pela não referência à constituição temporal interna de um dado evento (perfectivo) e a referência a esta temporalidade (imperfectivo). Costa (1990:37) sugere que a melhor maneira de analisar os enunciados do português para a identificação do aspecto é submeter o material da língua sob exame à pergunta: **o fato expresso está referido no enunciado de modo global, como um bloco inteiro, ou, ao contrário, o fato está referido levando-se em conta a sua constituição temporal interna (...)?** A resposta a esta pergunta evidenciará a possibilidade de uma forma verbal para o perfectivo e outra para o imperfectivo. No primeiro caso, a forma verbal usada expressará o fato sem referência à constituição temporal interna. No segundo caso, se apresentarão formas verbais que se referem ao fato como um processo em curso, em desenvolvimento, ou em partes, considerando apenas uma fase constitutiva da sua temporalidade interna (início, meio, fim) ou como um estado resultante de um processo. No entanto, adverte Costa (1990:33), não existe nenhuma vinculação obrigatória entre os tempos simples com a categoria de tempo e os tempos compostos com a categoria de aspecto, como sugerem alguns autores. Desde que estejam presentes — no lexema, nos morfemas derivacionais, nos complementos, nas perífrases — os traços imprescindíveis, os verbos do português podem ser conjugados com marca aspectual, em qualquer tempo (simples ou composto).

A conjugação dos verbos em português, tal como apresentam as gramáticas da língua, raramente inclui as formas relativas à categoria do aspecto. Não obstante, as distinções aspectuais são freqüentes tanto na fala como na escrita do português, fato este comprovado em alguns estudos realizados no Brasil (Costa 1990, Projeto NURC 1986), nos quais se constatou a “grande incidência de marcas aspectuais sobretudo como recurso expressivo para tornar o enunciado mais preciso, mais colorido, mais verdadeiro.” (Costa 1990:39).

Como mencionamos anteriormente, as marcas de distinção aspectual se encontram tanto nos lexemas verbais como nos morfemas derivacionais dos verbos (afixos) e da flexão, assim como nos complementos e nas perífrases. O lexema — não só verbal como de outras classes de palavras que podem portar marca aspectual (substantivos, adjetivos, advérbios, conjunções) — traz em si a referência à constituição temporal

interna, como podemos observar nos verbos **desenvolver e progredir**, por exemplo. Dentre os morfemas derivacionais, são os sufixos que expressam o aspecto. Castilho (1968) e Travaglia (1981), citados por Costa (1990:41) apresentam uma lista de sufixos de verbos que atuam como marcadores de aspecto. Estes são: -ear (folhear), -ecer (amanhecer), -ejar (gotejar), -icar (bebricas), -itar (saltitar), -ilhar (dedilhar), -inhar (escrevinhar), -iscar (chuviscar). Segundo Costa (1990:42) os morfemas derivacionais mais freqüentes no português são -ecer, -ificar e -izar, os quais dão ao verbo a noção de processo, de passagem gradativa de um estado a outro expressando o aspecto imperfeito. Este fato explica um dos usos da forma simples do pretérito expressando imperfectividade indicando começa, desenvolvimento ou fim de ação como se pode observar nos exemplos (7) e (8).

(7) Maria está diferente, **amadureceu**.

(8) O advogado **falsificou** os papéis.

Com relação aos complementos, tanto para Castilho (1968) como para Kahane (1953) o PPS do português pode ter modificadores temporais que incluem o momento presente sem que isto signifique perder o aspecto perfectivo como se observa em (9).

(9) Eu te procurei, **mas até agora** não te encontrei.

Cunha (1980) e Castilho (1968) concordam em que, para expressar uma ação repetida ou contínua, o PPS exige sempre a presença de advérbios ou locuções adverbiais como **sempre, nunca, freqüentemente, várias vezes, muitas vezes, todos os dias**, etc. tal como mostram os exemplos (10) e (11).

(10) Ela **sempre** teve uma grande ternura por mim.

(11) **Quantas vezes** eu disse que você não fosse.

Nos dois últimos exemplos a idéia de repetição não é dada pelo verbo, mas pelo advérbio que o modifica. Neste caso o PPS expressa o aspecto imperfeito a ele atribuído pelo complemento. O mesmo acontece com o papel desenrolado pelo semantema de verbos de verbos como **começar, prosseguir, demorar** que trazem em si o aspecto de imperfectividade como se pode observar nos exemplos (12), (13) e (14).

(12) E daqui **começou** a sua adversidade.

(13) **Proseguiu** falando da família.

(14) **Demorou**, mas chegou.

Passemos a ver agora o que acontece com o uso do PPC. Castilho (1968) menciona duas etapas históricas desta forma verbal com relação à expressão do aspecto. A primeira reporta-se ao “perfectum” latino que usava a construção **habeo + participio passado** tendo como variantes **habeo** os auxiliares **teneo** e **facio** dos quais o português adotou **teneo** (ter). No latim medieval surgiram construções como “**episcopum**

**invitatum habes**”, que foram imitadas sintaticamente em português em frases como **Tenho a lição estudada**, significando que a lição foi estudada no passado (cronológico) e, portanto, já está estudada. Desta maneira, o valor aspectual expresso é perfectivo com valor resultativo, o que pode ser encontrado ainda que raramente no português atual do Brasil em frases (15) encontradas principalmente na linguagem literária.

(15) **Tenho guardada** uma lembrança da tia Loló.

Numa segunda etapa, o valor durativo concentrado no verbo auxiliar impregna todo o conjunto, gerando uma ação cursiva (em curso, em desenvolvimento) como podemos observar na frase (16).

(16) Não **temos passado** muito bem.

Este valor durativo se expressa também em uma ação repetitiva (que se repete várias vezes) como no exemplo (17).

(17) **Tenho convidado** Maria várias vezes para jantar.

Em ambos os casos percebe-se uma ação que teve início no passado e se estende ao presente, seja por movimento contínuo ou interrompido e resgatado várias vezes, podendo transcender o momento de enunciação. Visto desta maneira, o PPC expressa aspecto imperfeito com valores iterativo e durativo da temporalidade interna da ação explicitada pelo verbo.

Rodolfo Ilari (1985) afirma que o PPC do português do Brasil possui certas particularidades que o distingue de outras formas compostas em português e de outras perífrases de igual estrutura morfológica encontradas nas demais línguas românicas. Estas particularidades podem ser percebidas nas características mesmas do uso deste tempo verbal em português de dois modos principais. O primeiro consiste no fato de que o PPC no português do Brasil expressa sempre aspecto imperfeito com valor essencialmente **iterativo** como em (18a). Este valor iterativo pode ser combinado com o valor durativo (18b) ou ainda com o valor durativo-contínuo (18c, d) quando implica o uso de um verbo estativo.

- (18) a. Ele **tem-nos visistado** (várias vezes)
- b. **Tem chovido** muito ultimamente.
- c. O “Monde” **tem sido** entregue pelo correio aéreo desde 1923.
- d. **Tenho estado** doente.

O segundo caso trata da peculiaridade do uso do PPC em português, como explica Ilari (op. cit.), que consiste no fato de que o PPC seja inadequado para descrever eventos que se repetem ou se repetiram, se é que se quer explicitar o número de vezes

em que se dá ou se deu tal repetição como em (19a). Nestes casos o uso do PPS é obrigatório como em (19b).

- (19) a. \*Eles **têm vindo** três vezes.
- b. Eles **vieram** três vezes.

Além disso, a gramaticidade de orações em que se usa o PPC é afetada pela noção de quantidade expressa no segmento que funciona como sujeito ou objeto como em (20 a,b,c).

- (20) a. \*O surto de meningite **tem matado** uma pessoa.
- b. \*O surto de meningite **tem matado** a zeladoria.
- c. \*O surto de meningite **tem matado** Pedro e Carlos.
- d. O surto de meningite **tem matado** muita gente.

Comentando as categorias semânticas utilizadas por Ilari para descrever o PPC, Costa (1990) observa que a interpretação durativa se aplica tanto aos predicados que indicam processo quanto aos que indicam estado. A autora chama a atenção para a necessidade de definir se num dado enunciado o predicado se refere a um processo ou a um estado para que se possa determinar o aspecto — onde a constituição interna pode ser observada facilmente por se tratar de duração ou continuidade. Quando ocorre uma série de eventos verbais idênticos que se seqüenciam no tempo, não se pode considerar com facilidade a constituição temporal interna. Este é o dilema que se apresenta no uso do PPC. Além disso, Costa (1990:47) comenta a dificuldade de decidir sobre um valor ou outro (iterativo, durativo) por se prenderem normalmente a traços do lexema, ou aos circunstanciais temporais. Isto dá lugar a uma ambigüidade quanto ao valor iterativo ou durativo em casos como (21).

- (21) Nestes últimos anos **tenho tido** muito sucesso.

Ou os casos como (22) e (23), onde o lexema verbal sugere uma interpretação iterativa.

- (22) De um certo tempo para cá, **tem acontecido** muita coisa com o João.
- (23) Muitos estrangeiros **têm vindo** aqui.

E ainda nos exemplos (24) e (25) em que o lexema aponta um interpretação durativa.

- (24) Você sabe que eu **tenho mantido** o regime até hoje?
- (25) Ele **tem-se desenvolvido** muito nestes últimos meses.

Nos casos (26) e (27) o complemento verbal e/ou circunstancial temporal ocasiona uma interpretação iterativa.

- (26) **Tenho feito** feira semanalmente.  
(27) Ultimamente **tenho tomado** mais táxi.

Os exemplos acima (21-27) são citados por Costa (1990:47), que adverte que, ao se tratar do PPC, é necessário analisar o enunciado e determinar se o valor aspectual é durativo (contínuo) ou iterativo a fim de que se possa considerá-lo como expressão de imperfectividade.

## O QUE OCORRE NO ESPANHOL?

Tal como em português, no espanhol do México o uso do P e do AP também se distingue pela oposição aspectual básica da referência ou não à temporalidade interna da ação expressa pelo verbo. No caso da referência a esta temporalidade temos o imperfectivo e, no caso da exclusão de tal referência, temos o perfectivo. Semelhantemente ao português, em espanho, tanto o P como o AP podem ser conjugados com marca aspectual perfectiva ou imperfectiva, dependendo da presença ou não de traços aspectuais seja no lexema, nos morfemas derivacionais dos verbos, ou ainda nos complementos e perífrases.

Usa-se o P, segundo o que afirma Colombro (1991), sempre que o falante queira indicar um fato concluído, acabado, independentemente de haver ocorrido num passado remoto ou próximo como nos exemplos (28) e (29).

- (28) **Terminé** mi licenciatura en 1967.  
(29) Algo te quería decir pero se me **olvidó**.

Ademais, expressando ainda aspecto perfectivo, o P é também usado com o fim de destacar o caráter inevitável ou iminente de um acontecimento (30).

- (30) Ya se puede decir que su vida **llegó** al fin, porque está esperando la muerte.

Neste caso o aspecto perfectivo expressa valor não resultativo e possibilita um dupla interpretação desta forma: um com valor literal e valor metafórico. É ainda Colombo quem comenta que o fato de ser um predicado verbal interpretado como remoto ou próximo em relação ao momento da enunciação depende do contexto, não do tempo verbal em si, porque o P só informa que se trata de um acontecimento concluído no passado, independente de outra ação, e sem conexão com o momento da enunciação.

Por outro lado, estudando os valores aspectuais do P, José Moreno de Alba (1978) argumenta que existem duas acepções possíveis para o conceito de **pontual** usado nas gramáticas para caracterizar um dos valores aspectuais atribuídos ao P — ação momentânea e ação única. Moreno de Alba cita a Heger (1973) para quem o P, dependendo do tipo de verbo, pode ter valor momentâneo, pontual e iterativo. O valor momentâneo designa a extensão temporal zero concebida como transição contínua de

um estado a outro; o pontual ocorre quando se insiste no carácter único do processo; o iterativo se dá por fatores semânticos alheios à forma verbal em si.

Em todas essas propriedades semânticas há diferentes dimensões que formam um sistema inter-relacionado. Em princípio pode-se perguntar se a um acontecimento dado se atribui um certo valor aspectual por força do sentido do lexema verbal per se, ou se é pelo morfema flexional de tempo, ou ainda por determinação dos modificadores adverbiais e sua interação com os morfemas de tempo.

Em vista destas características Moreno de Alba classifica o P com dois tipos de valores: pontual e iterativo. No primeiro caso o P é pontual enquanto não-iterativo, tanto em processos transformativos quanto em não-transformativos. No caso de ser a perfectividade assinalada desde o início de uma ação, o valor aspectual expresso pelo verbo será também **incoativo**; se ao final, **terminativo**; se as ações perfectivas forem de maior ou menor duração, **durativo**. O valor iterativo em determinados contextos não nega seu aspecto perfectivo, pois se trata de ações reiteradas ou de uma série de ações vistas como uma totalidade. O P pode expressar tanto ações momentâneas quanto durativas, semelfactivas ou iterativas, próximos ou romatas, mas sempre passadas e perfectivas.

Podemos agora analisar alguns exemplos para observar como se realizam estes valores. Na frase (31) pode-se notar que o valor durativo denota a anterioridade em que o atributo dado ao verbo começa ter uma existência perfectivas.

(31) Dijo Dios, sea la luz, y la luz **fue**.

Neste exemplo **fue** é equivalente a dizer “principió a ser”, o que evidencia valor pontual incoativo. Mas o que ocorre mais freqüentemente com o aspecto perfectivo expresso pelo P é o valor terminativo (conclusão da ação) e não o incoativo (início da ação).

O P mexicano pode também ser usado em contextos onde a presença de determinados modificadores adverbiais indiquem uma certa relação com o momento da enunciação sem que implique com isto a perda da perfectividade. Os exemplos (32), (33) e (34) evidenciam este fato.

(32) Ahora no me **hablaron** por teléfono.

(33) hoy no **pude** ir a verlo.

(34) Hoy ya no me **dio** tiempo

Vejamos agora o que ocorre com o uso do AP. Esta forma verbal é usada para designar fenômenos que, havendo iniciado antes da enunciação, são considerados atuais, vigentes no momento em que estão sendo emitidos, como observa Colombo (1991). Daí que, para o falante mexicano, comenta a autora, a diferença entre “Este año **llovió** mucho” e “Este año **ha llovido** mucho” é uma questão aspectual e não temporal. Isto é, no primeiro caso, ao usar o PS, o falante quer dizer que a temporada de chuvas já acabou (aspecto perfectivo com valor terminativo). No segundo caso, o uso da forma composta — o AP — dá a entender que a temporada de chuvas ainda não terminou

(aspecto imperfectivo com valor durativo). Nos exemplos (35 a e b) o uso do P ou do AP tem diferentes implicações.

(conversa telefônica)

- (35) a) - Bueno. ¿Se encuentra Andrea?  
- No. No **vino** hoy.  
b) - Bueno. ¿Se encuentra Andrea?  
- No. No **ha venido**.

O uso do P em (35a) significa que Andrea não veio, nem virá trabalhar hoje. No exemplo (35b) o uso do AP deixa em aberto a possibilidade de que Andrea ainda venha trabalhar. Em (35b) está implícito um modificador adverbial: “Andrea no ha venido (todavía) a trabajar” expressando imperfectividade.

Diferentes autores concordam que o AP mexicano apresenta um uso particular, um campo de ação determinado e próprio, diferente do P e que não o substitui como variante livre, como ocorre no espanhol peninsular no qual tanto o P como o AP podem ter valor aspectual perfectivo. Ademais, o AP mexicano também denota anterioridade relativa da ação ao momento de enunciação, e é por isso chamado “tempo de retrospecção”. São os casos em que o uso do AP indica uma ligação da ação ao momento da enunciação num intervalo de tempo que se considera inacabado e atual como nos exemplos (36) e (37) citados por Colombo (1991).

- (36) Héctor **ha sido** el consentido de su papá porque se parece a Fina, y como a Fina la **ha adorado**...  
(37) En la revista Impacto me **he puesto** la tarea de hacer la crítica de um libro cada semana.

Assim, podemos afirmar que o AP mexicano é aspectualmente imperfectivo e que expressa, segundo o contexto, valor iterativo ou durativo e, eventualmente, pontual como se pode ver nos exemplos (39) e (40).

- (39) ¿**Has visto** esta película?  
(40) Es la única exposición que **he hecho**.

## COMPARANDO OS DOIS IDIOMAS

Das descrições aqui feitas do que ocorre com o uso do PPS/PPC no português e o P/AP no espanhol, pode-se constatar que entre as propriedades semânticas destas formas verbais existem diferentes dimensões que formam um sistema inter-relacionado dos valores aspectuais atribuídos a cada uma delas. Desse modo, pode-se observar que a uma dada forma se atribui um certo valor aspectual ora pelo sentido do lexema, ora pelo morfema flexional de tempo, ora pelos modificadores adverbiais e sua interação com os morfemas de tempo, e às vezes combinado com a perspectiva do falante.

No caso da forma de interlíngua de Fns do espanhol que aprendem português como LE, forma esta mencionada na introdução deste trabalho, observa-se que o contexto onde ocorre o aspecto é determinado pelo modificador **ainda não**. O aspecto expresso pelo verbo nesse tipo de contexto é imperfeito e, neste caso, excepcionalmente pelo PPS como se pode ver em (41).

(41) Carlos **ainda não respondeu** minha carta.

Assim também em espanhol o modificador **aún no** atribui ao verbo aspecto imperfeito que só pode ser expresso pelo AP como em (42).

(42) Carlos **aún no ha contextado** mi carta.

O uso do P seria incompatível com a imperfectividade requerida neste tipo de contexto pela presença do modificador **aún no**. Assim é que construções como (43) não existem no espanhol.

(43) \*Carlos **aún no contestó** mi carta.

Em português, nesse tipo de contexto, é o uso do PPC que não é possível, porque o valor aspectual expresso pelo verbo é pontual. E, como visto anteriormente, uma das características do PPC é que este só expressa valor iterativo, iterativo-durativo ou iterativo-durativo-contínuo. Desta maneira, construções como (44) são agramaticais em português.

(44) \* Carlos **ainda não tem respondido** minha carta.

O quadro I a seguir estabelece uma comparação entre o uso dos quatro tempos verbais analisados com relação aos valores aspectuais que podem expressar.

Quadro I

PORTUGUÊS			ESPAÑHOL		
Tempo	Aspecto	Valor	Tempo	Aspecto	Valor
PPC	imperf	it it-d it-d-c	AP	imperf	it d it-d-c PONT
PPS	perf IMPERF	inc ter pont	P	perf	inc ter pont

imperf — imperfeito

it — iterativo

d — durativo

c — contínuo

perf — perfectivo

inc — incoativo

ter — terminativo

pont — pontual

Como se pode observar, em português o PPC expressa aspecto imperfeito com valor essencialmente iterativo combinado com o durativo e o contínuo. A forma correspondente em espanhol, o AP, também expressa imperfeição com os valores mencionados para o português, mais o valor **pontual**.

O PPS em geral expressa aspecto perfectivo, e em determinados tipos de contexto, a presença de certos modificadores adverbiais atribui-lhe aspecto imperfeito. O P do espanhol expressa exclusivamente aspecto perfectivo em qualquer tipo de contexto, por isso é que em contextos como (45) a perfectividade expressa pelo P é incompatível com a imperfeição atribuída ao verbo pelo modificador **aún no**.

(45) \***Aún no vi** la obra.

Existem outros contextos onde, tanto em espanhol como em português, o aspecto expresso pelo verbo é determinado pela interação entre os modificadores **hasta ahora/até agora**, **siempre/sempre**, **nunca/nunca**, **ya/já**, **alguna vez/alguma vez**, e os morfemas flexionais de tempo dos verbos, combinados com a perspectiva do falante em algumas situações. Estas perspectivas do falante em português está restringida à condição de que o aspecto imperfeito atribuído ao PPC expresse valor iterativo. Vejamos alguns exemplos:

Com **hasta ahora/até agora**.

- (46) a. \*Estoy buscando departamento pero hasta ahora no **encontré** nada.  
 b. Estoy buscando departamento pero hasta ahora no **he encontrado** nada.  
 c. Estoy procurando apartamento, mas até agora não **encontrei** nada.  
 d. \*Estou procurando apartamento, mas até agora não **tenho encontrado** nada.

A falta de gramaticidade de (46a) no espanhol se deve ao fato de que o aspecto imperfeito atribuído ao verbo pelo modificador **hasta ahora** não é compatível com a perfectividade expressa pela P. Neste caso usa-se o AP como em (46b), que expressa a imperfetividade requerida.

Em português, ao contrário, observa-se em (46d) que o uso do PPC gera uma estrutura agramatical por não ser o valor aspectual expresso pelo verbo iterativo. Neste contexto o valor é pontual e se usa obrigatoriamente o PPS como (46c).

Com **siempre/sempre**.

- (47) a. Siempre **viajé** en tren.
- b. Siempre **he viajado** en tren.
- c. Sempre **viajei** de trem.
- d. Sempre **tenho viajado** de trem.

Nestes exemplos observa-se que (47d) em português é gramatical. Este é um dos casos em que o PPC expressa valor iterativo. Não obstante, as implicações são diferentes nos dois idiomas. Aqui o FN de português quer dizer que tem viajado de trem várias vezes. Em espanhol ao usar o AP (47b) o falante quer dizer que no passado viajou de trem e deixa aberta a possibilidade de continuar viajando de trem. Vemos assim que para o português o que conta é a repetição do evento enquanto para o espanhol é a possibilidade de continuar a ação no presente e ainda no futuro.

Com **nunca/nunca**.

- (48) a. \*Chico Buarque nunca **cantó** en México.
- b. Chico Buarque nunca **ha cantado** en México.
- c. Chico Buarque nunca **cantou** no México.
- d. \*Chico Buarque nunca **tem cantado** no México.

O enunciado (48a) não é possível no espanhol, sabendo o falante da possibilidade de que Chico Buarque ainda venha cantar no México. Neste caso se expressaria como em (48b). Em português a única forma possível é a de (48c), dado que em (48d) o PPC não expressa valor iterativo.

Com **ya/já**.

- (49) a. ¿Ya **pagaste** la cuenta de luz?
- b. ¿Ya **has pagado** la cuenta de luz?
- c. Você já **pagou** a conta de luz?
- d. \*Você já **tem pagado** a conta de luz?

No espanhol do México, o uso do AP, combinado com o modificador **ya** indica de certa maneira um significado muito próximo ao de **alguna vez** que veremos mais adiante. Ao optar por se expressar como em (49a ou b) o FN do espanhol quer simplesmente saber de seu interlocutor se este pagou ou não a conta de luz. Assim é que as duas construções são gramaticais e a escolha entre elas depende da perspectiva do

falante. Em português a única alternativa para o falante seria a (49c), devido a que (49d) não seja gramatical pelas limitações de uso do PPC que neste caso não expressa repetição.

Com **alguna vez/alguma vez**.

- (50) a. ¿**Estuviste** en Europa alguna vez?
- b. ¿**Has estado** en Europa alguna vez?
- c. Você **esteve** na Europa alguna vez?
- d. \*Você **tem estado** na Europa alguna vez?

Aqui, outra vez, as duas construções do espanhol (50 a e b) são gramaticais. Ao eger (50a) com o P, o FN do espanhol expressa perfectividade, enquanto que em (50b) expressa imperfectividade com a forma do AP. Em português o falante conta só com a construção de (50c).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados desta análise contrastiva nos dão indicações sobre a dificuldade de aquisição destas formas verbais do português nos contextos específicos aqui discutidos, principalmente para o FN do espanhol. De Paula Scott (1993) sugere que esta dificuldade se dá em duas instâncias. Uma primeira instância seria o fato de que o uso obrigatório do PPS em certos contextos represente uma violação do parâmetro estabelecido para a realização do aspecto em espanhol (o P sempre expressa perfectividade). Numa segunda instância, a possibilidade que o FN do espanhol tem de eger uma ou outra forma nestes contextos, o leva a crer que existe essa mesma possibilidade na língua-alvo. Além disso, essa crença pode ser confirmada pelo fato de que o PPC aparece de vez em quando no insumo que o aprendiz de português como LE recebe, nos raros casos em que o PPC expressa repetição. Isto dificulta a percepção que o aprendiz possa ter da evidência para o uso correto.

Dado o complexo quadro lingüístico que se delinea entre os dois idiomas ao considerar-se esta “questão de aspecto” no uso das formas aqui descritas, não é de se estranhar que os FN do espanhol aprendizes de português como LE tenham dificuldades na sua aquisição. Faz-se necessária a descrição lingüística precisa de outras formas consideradas marcadas, tanto lingüística como psicolingüísticamente, para a revisão dos métodos de ensino do português como LE com vistas a estas formas. Existe um pequeno inventário destas formas que inclui o uso do imperativo, dos indeterminados **tudo** e **todo**, a colocação dos pronomes oblíquos, etc. Esta lista poderia ser ampliada estudando a interlíngua dos aprendizes de português como LE. O uso destas formas conta com descrições parciais nas gramáticas do português que não são baseadas em estudos recentes da oralidade da língua. Portanto, é urgente que se trabalhe estas descrições no nível da oralidade e da escritura da língua, se possível contrastivamente com outros idiomas, para detectar as distâncias tipológicas existentes e considerá-las na elaboração de materiais para o ensino de português como LE.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. *Introdução ao Estudo do Aspecto na Língua Portuguesa*. Faculdade de Filosofia e Letras de Marília, São Paulo, 1968.
- COLOMBO, F. Tiempo, Aspecto y Funciones Comunicativas (a ser publicado em *ELA*. CELE-UNAM México). 1991.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect*. Cambridge University Press, Cambridge. 1976.
- COSTA, S.B. *O Aspecto em português*. São Paulo, Contexto, 1990.
- CUNHA, C. e Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporânea*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- DE PAULA SCOTT, D. *El error en el portugués como extranjera: transferencia de LI y principios de la gramática universal*. Tese de Mestrado em Lingüística Aplicada. UACPyP e CELE-UNAM, México. 1993.
- ILARI, R. *Dois desafios na análise semântica do passado composto em português*. Comunicação feita no Encontro Nacional de Lingüística, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1985.
- LYONS, J. *Introduction do theoretical linguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- MORENO DE ALBA, J. *Valores de las Formas Verbales en el español de México*. México, UNAM, 1978.
- SMITH, C. *The parameter of aspect*. Boston, Londres, Kluwer Academics Publishers, Dordrecht,. 1991.
- TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português*. Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- KAHANE, H. *The verbal categories of colloquial brazilian portuguese*. Word, USA. 1953.